



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS CAMPINA GRANDE
CENTRO EDUCAÇÃO
CURSO DE HISTÓRIA**

ANA MÁRCIA MACIEL

**ENTRE O PÚBLICO E O PRIVADO: IMAGENS DO MODERNO NA CIDADE DE
UMBUZEIRO/PB (1900-1930)**

**CAMPINA GRANDE
2017**

ANA MÁRCIA MACIEL

**ENTRE O PÚBLICO E O PRIVADO: IMAGENS DO MODERNO NA CIDADE DE
UMBUZEIRO/ PB (1900-1930)**

Trabalho de Conclusão de Curso em História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduando (a) em Licenciatura em História.

Área de concentração: Humanas.

Orientador: Prof. Me. Iordan Queiroz Gomes.

**CAMPINA GRANDE
2017**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

M152e Maciel, Ana Marcia.
Entre o público e o privado: imagens do moderno na cidade de Umbuzeiro/PB (1900-1930) [manuscrito] : / Ana Marcia Maciel. - 2017.

46 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2017.

"Orientação : Prof. Me. Jordan Queiroz Gomes ,
Coordenação do Curso de História - CEDUC."

1. Conquistas Materiais . 2. Historiografia. 3. Modernização.

21. ed. CDD 909

ANA MÁRCIA MACIEL

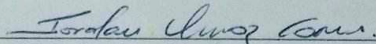
ENTRE O PÚBLICO E O PRIVADO: IMAGENS DO MODERNO EM UMBUZEIRO
(1900-1930)

Trabalho de Conclusão de Curso em História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de graduando (a) em Licenciatura em História.

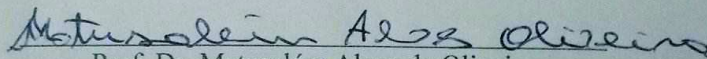
Área de concentração: Ciências Humanas.

Aprovada em: 15/12/2017

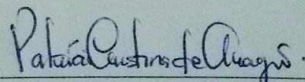
BANCA EXAMINADORA



Prof. Me. Jordan Queiroz Gomes (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Matusalém Alves de Oliveira
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr^a. Patrícia Cristina de Aragão
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

A minha avó Alzira Flora de Aguiar, pelo amor,
paciência e histórias que encantavam, DEDICO.

(In memory)

AGRADECIMENTOS

À Deus pela vida.

Aos meus pais Cesar e Lúcia, pelo amor, dedicação e incentivo aos estudos.

A minha irmã Ana Cassia, pelo companheirismo, e ao meu irmão, Paulo César que tanto me dá forças para continuar mesmo sem saber.

A Guilherme Júnior, pelo amor, compreensão e incentivo.

A todos os meus familiares pelo apoio e carinho.

Aos diversos professores que contribuíram na minha trajetória educacional, de forma especial os que na universidade ao longo dos últimos quatro anos no curso de História da UEPB me encantaram pelo saber.

Em especial, ao professor Matusalém Alves de Oliveira que se tornou meu amigo e companheiro nos desafios da academia.

Ao meu orientador Iordan Queiroz Gomes pela paciência, atenção e dedicação no desenvolvimento dessa pesquisa que tanto me encanta.

A Tatiane Vieira que foi minha professora e hoje é minha amiga de trabalho, pelos ensinamentos e carinho.

Aos meus colegas de classe pelas dificuldades, alegrias e debates compartilhados no dia a dia.

Aos meus amigos que me encorajam a seguir diante dos desafios, de maneira especial a Olindina Ticiane, Juliana Almeida e a Andreza Tainara pela força, carinho e torcida.

Aos funcionários da UEPB, pela presteza e atendimento quando nos foi necessário. E de forma específica a Arleide, Jeová e Epitácio pelos momentos de alegria.

Aos que de alguma forma contribuíram para concretização do sonho de ter poder cursar e concluir o ensino superior.

Agradeço!

“O homem é o tamanho de seus sonhos.”
Fernando Pessoa

RESUMO

A cidade e suas particularidades, como objeto de estudo para a historiografia, vem promovendo pesquisas em larga escala principalmente no que diz respeito à Paraíba. Nessa perspectiva, nosso intuito é investigar como a cidade de Umbuzeiro recebeu os símbolos da modernidade no âmbito do público e do privado, entre as décadas de 1900-1930. Bem como pretendemos abordar as transformações urbanas atentos a analisar sinais de sua experiência de modernidade, percebendo a receptividade dos aparelhos do moderno nas ruas e casas umbuzeirenses. Dessa forma, é necessário buscar compreender como o moderno e o tradicional se tocavam na temporalidade e no espaço abordado, quais mudanças geraram nos comportamentos dos diferentes grupos sociais e nas suas relações como os símbolos do moderno. Para desenvolver essa pesquisa foi necessário o aprofundamento em algumas leituras, sobretudo aquelas que tratam do universo urbano em sua dimensão cultural, bem como a catalogação e seleção de fotografias e inventários, materiais usados como fontes em potencial, fecundo em indícios para se perceber como a cidade de Umbuzeiro e seus habitantes foram recebendo tais transformações e símbolos.

Palavras-Chave: Umbuzeiro. Modernização. Conquistas Materiais.

ABSTRACT

The city and its peculiarities, as object of study for the historiography, has been promoting researches in large scale especially with regard to Paraíba. From this perspective, our intention is to investigate how the city of Umbuzeiro welcomed the symbols of modernity in the public and private spheres, between the decades of 1900-1930. As well as we intend to approach the urban transformations attentive to analyze signs of its experience of modernity, realizing the receptivity of the devices of the modern one in the streets and houses from the city of Umbuzeiro. In this way, it is necessary to seek understanding how the modern and the traditional playing on the temporality and the space addressed, what changes have generated in the behaviors of the different social groups and in their relations as the symbols of the modern. In order to develop this research, it was necessary to deepen in some readings, especially those that deal with the urban universe in its cultural dimension, as well as the cataloging and selection of photographs and inventories, materials used as potential sources, fruitful in evidence to perceive as the town of Umbuzeiro and its inhabitants were welcoming such transformations and symbols.

Keywords: Umbuzeiro. Modernization. Material Gain.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Praça João Pessoa	25
Figura 2 - Mercado Público	26
Figura 3 - Grupo Escolar Coronel Antônio Pessoa	27
Figura 4 - Estação Experimental João Pessoa	29
Figura 5 - Banheiro Público.....	32
Figura 6 - Cristaleira.....	35
Figura 7 - Vaso Português	36
Figura 8 - Papeleira.....	37
Figura 9 - Cadeira.....	38
Figura 10 - Relógio de Parede	38

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I	
A MODERNIDADE NAS URBER PARAIBANAS	14
1.1 A experiência da “modernidade” do litoral ao sertão paraibano	16
CAPÍTULO II	
UMBUZEIRO: MODERNA, DESENVOLVIDA E CIVILIZADA?	22
CAPÍTULO III	
A MODERNIDA ADENTRA AOS LARES UMBUZEIRENSES.....	24
CONSIDERAÇÕESFINAIS.....	32
FONTES	33
REFERÊNCIAS	34

INTRODUÇÃO

Os olhos lêem a vida e o mundo. Definem suas cores, traçam suas forças, dimensionam seus movimentos. Os olhos e o visível. Mas é o coração que percebe o invisível da vida e do mundo. Penetra nos seus mistérios, aprofunda suas tramas, inventa seus sentimentos, descobre a magia talvez absurda, que envolve a aventura humana. O visível e o invisível fazem parte da história, são inseparáveis, se o historiador quiser tentar compreender o significado dos labirintos, construídos pelos homens, não deve fechar os olhos nem tampouco o coração.

(Antônio Paulo Rezende)

Traçar narrativas sobre a experiência humana e suas tramas, nos faz refletir sobre a arte da escrita, que tanto seduz aos historiadores que mergulham no mar agitado do passado, tentando desvendá-lo, compreende-lo, explica-lo, buscando dar sentido aos diversos fios e fatos que compõe a vida.

Assim, é a partir de historiadores como Walter Benjamin (1991), Antônio Paulo Rezende (1997), Sandra Jatahy Pesavento (1995), Gervácio Batista Aranha (2005), que nos aventuramos nos caminhos de tentar compreender como, na temporalidade escolhida e no espaço abordado, isto é, a cidade de Umbuzeiro entre 1900 e 1930, o moderno e o tradicional se tocam, quais mudanças geraram nos comportamentos dos diferentes grupos sociais e nas suas relações como os símbolos do moderno.

Nesse trabalho iremos nos aventurarmos em traçar nossas próprias linhas. Nosso intuito é analisar de que forma a modernidade chegou a cidade de Umbuzeiro, no âmbito do público e do privado entre 1900 a 1930, como também, as diversas experiências dos cidadãos, observando as rupturas e continuidades.

A cidade aqui é pensada como um espaço marcado pela ação do homem, que reflete seus sonhos, anseios, angústias, desejos, hábitos, práticas, historicamente construída pelos corpos que ali deixaram suas marcas ao longo do tempo e que reflete diretamente os valores culturais compartilhados pela sociedade na qual estão inseridos. (PENSAVENTO, 1995, p. 48).

Deve-se estar atento para não se universalizar historicamente as categorias ligadas ao espaço, “entre elas a polaridade público/privado”. “A moderna separação entre público e

privado é algo histórico e, portanto não inevitável ou natural” este espaço se comporta como “o lugar da familiaridade – o doméstico, o íntimo.” (MATOS, 2002, p. 38).

Os espaços tidos como privados também são passíveis de representações e significados, nessa perspectiva, “Entendemos a casa como o lugar de memória, de uma memória seletiva (...) as maneiras de morar, as comodidades, os luxos adotados pela sociedade em um determinado momento social, cultural e econômico.” (ABRAHÃO, 2010, p.15). São objetos de estudo para o historiador que busca compreender os as tramas do cotidiano presente na urbe em processo de transformação da vida material.

A cidade como objeto de estudo vem cada vez mais crescendo, principalmente no que tange a Paraíba, e ampliando suas formas de interpretação, estudos que versam diferentes temporalidades e as mais variadas fontes. Alguns pesquisadores se debruçaram sobre esta temática que tanto seduz, abordando a modernização paraibana, os símbolos do moderno e de que forma essas transformações alteraram a vida das pessoas.

É sobre esses escritos que iniciamos nossa caminhada sobre Umbuzeiro, terra da família Pessoa e berço do trio ideal: Epitácio Pessoa, João Pessoa e Assis Chateaubriand. Cidade marcada pelas tramas políticas da tradicional família Pessoa, que deu visibilidade a este território.

Umbuzeiro ajuda-nos a pensar as sociedades situadas no interior do estado da Paraíba e suas peculiaridades. Alguns de seus filhos são personagens que protagonizaram a cena política local e nacional, o que permitiu a urbe se transformar em um lugar de destaque entre as demais cidades da Paraíba.

Umbuzeiro no início do século XX conquistou alguns símbolos que lhe caracterizavam moderna. Assim, penetrar nessa sociedade, tentando perceber quais experiências estavam contidas naquele contexto de mudanças que englobam aspectos arquitetônicos, as vestimentas, os meios de transporte e de comunicação. Bem como, os modos de organizar os espaços privados, entre outros, são exemplos de experiências inspiradas a partir dos grandes centros urbanos idealizados como cidade moderna.

Diante disso, pensar as diferentes experiências e sociabilidades tocadas pelos signos do moderno se faz altamente necessária, ao passo que outras cidades como Campina Grande, já foram pensadas a partir de sua conquista material. No entanto, Umbuzeiro que foi partícipe importante na construção da história paraibana e que teve destaque em conseguir construir um espaço urbano que ganhou notoriedade pelos seus ares modernos, ainda não recebeu esse olhar com foco em tal temática.

No espaço do privado a mobília das casas, retratadas nas fotografias e nos inventários, nos possibilita tentar reconstruir parte das sociabilidades vivenciadas nesse período em Umbuzeiro. O relógio, a mesa, o porcelanato, as vestimentas, até a descrição detalhada da arquitetura das casas, o montante em dinheiro, ouro, prata, gado, dívidas tudo era apontado nos inventários, importante fonte para penetrar no período aqui em estudo.

Pensar As experiências modernas na cidade de Umbuzeiro no início do século XX, e como elas são experimentadas nos espaços do público e do privado, é extremamente importante, tendo em vista que quase todos os trabalhos historiográficos que se dedicaram a pensar sobre a cidade de Umbuzeiro voltou-se para a influência política e econômica exercida pela família Pessoa sobre esta região.

Além de nosso tema contribuir de maneira inovadora para a historiografia regional, ele ajuda a pensar uma sociedade situada no interior do estado da Paraíba que possui inúmeras peculiaridades, como: alguns personagens que protagonizaram o cenário político local e nacional, acarretando para Umbuzeiro um lugar de destaque entre as demais cidades brasileiras.

A pesquisa foi realizada utilizando-se de vários materiais que foram lidos e interpretados observando-se a sua capacidade indiciária, tal como nos ensina Carlo Ginzburg (1989), de nos informar sobre o passado dessa cidade. Foram eles, as notas e materiais de jornais, as fotografias e os inventários *post mortem*, disponível no Fórum Epitácio Pessoa. A leitura dessas fontes foi fundamental para o entendimento dessa cidade e sua relação com os símbolos modernos permitindo traçar uma (re) apresentação narrativa desse passado escoado.

Para tanto, o trabalho foi dividido em três capítulos. No primeiro fazemos um percurso pela historiografia abordando o processo de modernização nas cidades paraibanas, como tentando perceber como a historiografia registou os avanços tecnológicos nas diversas regiões da Paraíba, bem como, atentando para suas peculiaridades presentes nas urbes ditas modernas que respiravam ares interioranos.

No segundo capítulo, tentamos fazer uma abordagem dos símbolos modernos que a adentram a cidade de Umbuzeiro e que esta vai conquistando no início do século XX, buscando compreender quais são esses símbolos, como afetam a vida dos cidadãos e de que maneira as pessoas se apropriam das conquistas material sendo esta urbe marcada por aspectos rural.

Por fim, no terceiro e último capítulo adentramos aos lares umbuzeirenses buscando entender como o privado se comporta diante das transformações ocorridas nos espaços

públicos, como as famílias organizavam suas casas, quais móveis utilizavam, como os cômodos era divididos, como era morar e viver em Umbuzeiro durante 1900-1930.

CAPÍTULO I

A MODERNIDADE NAS URBER PARAIBANAS

Ao adentrarmos nas conquistas tecnológicas trazidas pela revolução Industrial, modernas, é inegável que muitas delas mudaram e (re) construíram as formas de viver, sentir e ser. Essas mudanças chegaram ao espaço urbano, dando formas específicas a determinadas cidades. De modo que, quando se trata de analisar a relação entre o mundo urbano e as conquistas materiais advindas da modernidade, pensamos nas grandes referências simbólicas da urbe moderna: Londres e Paris, capitais que representaram o modelo de sociedade moderna e civilizada que seria imitada em todo o mundo Ocidental.

Ao longo do século XIX essas cidades viram ocorrer um processo de mudanças em seu cotidiano acarretadas por fenômenos até então desconhecidos, como: a pressa. As pessoas possuem uma nova relação com o tempo, o relógio determina as tarefas ao longo do dia, e o sentimento de pressa está de forma mútua na vida das pessoas que percebem o tempo agora mais acelerado. Outro elemento que compõe a paisagem dos grandes centros urbanos é a multidão, que causa um “efeito inebriante”, sobre os que vivem essa experiência ocasionada pelo significativo aumento da população, a multidão que está presente no vai e vem das calçadas comporta-se como um véu que cobre a “terrível realidade social”, oferece a cidade uma nova imagem de si mesma, que desperta interesse, medo, admiração e mudança. (BENJAMIN, 1991, p.53).

Esses novos elementos que estão presentes no processo de modernização contribuem para que as relações interpessoais sejam fluidas, as pessoas inseridas no campo da pressa e da multidão são levadas ao campo do individualismo. O modo de conceber a si, o outro e ao mundo são afetados diretamente pelos equipamentos tecnológicos de desenvolvimento e de modernidade.

No Brasil temos como referências de cidades modernas: o Rio de Janeiro, São Paulo e Recife. Cidades que passaram por consideráveis transformações, entre os séculos XIX e XX. Estes foram os centros urbanos, por assim dizer, que possuíram uma interação maior com os símbolos modernos. Espaços estes que iam fazer a ponte entre as grandes capitais europeias e as cidades interioranas brasileiras, lhes apresentando o acesso a mecanismos tecnológicos que vão mudar a forma de comunicação, locomoção, interação etc., de seus habitantes.

Todavia, em outras cidades do Norte, a exemplo das cidades paraibanas, o processo de modernização e a experiência de modernidade deve apoiar-se em outros parâmetros que não

aqueles que vislumbram os ritmos frenéticos das grandes urbes modernas. Nessas cidades, o que poderíamos chamar de modernização e experiências de modernidade, obedecem a ritmos outros com cadências próprias da região. Nesses espaços, a modernidade é sentida, experimentada e vivida de maneira diferente. É desse modo, pensando na impossibilidade de importar modelos de análise para pensar realidades particulares, que Aranha (2005, p. 79) afirma que “é impossível falar em vida moderna no Norte, no período estudado, tomando como parâmetro a ideia de ritmo social do tipo que serve para caracterizar as capitais culturais europeias do período oitocentista.”

Dessa forma, adotaremos aqui o debate em torno *símbolos do moderno* de Gervácio Batista Aranha (2005), para pensarmos o processo de modernidade paraibana durante o século XX. Assim, para Aranha (2005, p. 79) pensar a modernidade “com base no impacto provocado por certas conquistas materiais que passam ao imaginário urbano como símbolos do moderno”. É fazer o exercício de (re) conhecer as transformações urbanas a partir desses símbolos que se exprimem por meio de novidades tecnológicas de uso coletivo, tais símbolos se materializam através de:

Transportes e comunicações (sistemas telegráfico, telefônico, ferroviário etc.), na adoção de equipamentos de higiene e/ou conforto (sistemas de água encanadas e/ou esgotos, sistemas de iluminação pública e privada etc.), na construção de prédios ou logradouros públicos destinados ao lazer (parques, praças ou passeios públicos), dentre outros. (ARANHA, 2005, P. 79).

Dessa forma, esses símbolos do moderno vão representar o contato com o novo, o chique, o civilizado, trazendo para as cidades paraibanas a possibilidades de experiências modernas, pautadas nesses símbolos que modificam não só a paisagem urbana, como também, as sociabilidades. A chave teórica e metodológica apontada pelo autor, em que pese apontar um caminho para se estudar as pequenas e médias cidades nortistas, serviu de roteiro para produção de vários trabalhos que se preocuparam em entender a dinâmica local e particular de cada cidade em sintonia com o moderno.

De modo que, a pesquisa desenvolvida por Aranha nos permite observar o processo de modernização das principais cidades da Paraíba, contribuindo para a escrita historiográfica pensando em uma perspectiva de experiência local e suas influências no cotidiano da cidade agora modificada pelos aparelhos modernos, criados para tornar a vida mais, fácil, esses mesmos equipamentos possuem o poder de conceber a cidade ares de modernidade higiênica e “civilizada”.

1.1 A experiência da “modernidade” do litoral ao sertão paraibano

Cabral Filho (2009) é outro estudioso sobre cidades que muito tem contribuído para a historiografia paraibana. O autor analisa como ocorreu o processo de modernização da cidade de Campina Grande através das imagens fotográficas, notabilizando como esse processo se ampliou na administração do prefeito Vergniaud Wanderley, buscando tornar esta cidade uma referência moderna para as demais da Paraíba.

O autor trabalha com a concepção trazida por Aranha (2005) fazendo um levantamento sobre os símbolos que vão chegando aos poucos na Cidade de Campina Grande e como estes modificam os espaços, o cotidiano, os hábitos da população que está aprendendo a ser moderna, chique e “civilizada”.

(...) desde o início do século XX, Campina Grande já começa a experimentar e conviver com alguns equipamentos de natureza moderna. O sistema de comunicação por telégrafo, (...) transporte ferroviário (...) o lazer de parte de parte desta população também havia sido favorecido e ampliado com a instalação de novos cinemas. Melhoramentos técnicos haviam sido implantados para a otimização do beneficiamento do algodão, como as prensas hidráulicas. (...) sistema de iluminação pública (...) serviços de bondes e ônibus (...) o Banco do Brasil (...) cooperativa de crédito da cidade (...) fábricas de fiação (...) construção do Grupo escolar Solón de Lucena (...) colocação de meio fio de pedra (...) construção do Hospital Pedro I. (CABRAL FILHO, 2009, p. 46-47).

De forma pontual, Cabral Filho nos apresenta as aquisições mais importantes no processo de modernização de Campina Grande, que gerou uma euforia na população percebendo no seu dia a dia as inúmeras influências desse processo tão sonhado, planejado e posto em prática por Wanderley, o prefeito que ficou conhecido como “trator humano”, “tempestade”, “destruidor”, “furacão” são alguns dos nomes popularmente associados a imagem desta figura emblemática.

Assim, Campina Grande inicia seu processo de modernização e conquista seus primeiros símbolos da tão almejada modernidade, a grandes custos vale ressaltar, pois, Wanderley, não media esforços e muito menos consequências para que seus objetivos fossem alcançados, passando por cima de tudo e de todos que tivessem impedindo a concretização de alguma obra, desde uma demolição de um simples casebre até uma casa de alguma figura influente na cidade, essas atitudes avassaladoras acarretaram intrigas com seus próprios aliados.

No entanto, a chegada da modernidade não agradou a todos, tiveram aqueles que preferiam os velhos hábitos, nesse contexto a tradição entra em conflito com a novidade, como aborda Cabral Filho:

Quando consideramos que há entre essas duas imagens o estabelecimento de um conflito envolvendo a tradição e o moderno estamos nos retornando a determinadas práticas sociais populares arraigadas no seio de uma cidade com fortes traços rurais, cujos hábitos e formas de estar no mundo são o resultado de vivências herdadas e aprendidas. Na contramão desses hábitos e com o claro objetivo de desarticula-los, procurou-se instituir, através de um discurso fundado na cientificidade e na ideia de progresso, novas práticas e hábitos sociais que, na visão dos emissores dessas premissas modernizantes, constituem o estabelecimento de uma vida moderna e civilizada em Campina Grande. (2009, p. 40).

A resistência ao novo era presente, da mesma forma que os símbolos da modernidade geravam encantamentos, assim, percebemos as rupturas e as permanências de costumes e hábitos da população campinense, que presenciou a construção de novos modos de enxergar o mundo, a sociedade e a si próprios.

Outro estudo que contribui para a historiografia paraibana sobre cidades é o texto de Alves (2010), esta obra analisa como a cidade da Parahyba do Norte nasce, em que condições, e os primeiros vestígios de modernização imposta pela elite e pelo Estado, que se utiliza de um discurso médico higienista para padronizar as construções e retirar os pobres dos espaços onde as elites frequentavam, como por exemplo, o centro da cidade.

“O sanitarismo forneceu à política repressiva do Estado os meios legais e institucionais para cumprir tal meta, que teve como ponto de apoio a montagem de um sistema de vigilância permanente sobre o que as leis minuciosamente haviam estabelecido.” (ALVES, 2010, p.66). Assim, o Estado se apoiou do discurso médico, para retirar os casebres dos espaços em que as pessoas de poder aquisitivo frequentavam, tentando alinhar as ruas e as construções aos padrões europeus, e mais próximo de nós, aos moldes carioca.

As casas tinham um modelo a ser seguido em sua construção, e era muito dispendioso principalmente para a população mais carente, que não possuíam condições para tais reformas, em contra partida, o Estado que tanto cobrava essas mudanças não forneciam meios para que estas pessoas se enquadrassem nesses padrões exigidos, muito menos, elaboravam casas populares para esta grande parcela da população.

O estudo de Alves (2010) nos apresenta a trama em que indivíduos disputavam pelo mesmo espaço e como o Estado interferiu nesses conflitos e em nome de quais interesses, a partir de fontes diversas como: jornais, revistas, periódicos, documentos oficiais entre outros.

Assim, sua escrita contribui para a historiográfica na medida em que traz uma abordagem do comportamento dos indivíduos envolvidos na trama, e informações peculiares na construção de sua narrativa.

Além da cidade de Campina Grande e da cidade de Parahyba, atual João Pessoa, algumas cidades da rota que faz o curso para o sertão do estado também foram analisadas com vistas a identificar esses aspectos de modernização, salientando-se experiências modernas não menos singulares. No exercício de tentarmos compreender o processo de modernização no sertão paraibano, selecionamos alguns trabalhos que contribuem com a temática em algumas cidades que possuem uma relevância sociocultural em detrimento de cidades menores. Os estudos que iremos nos debruçar possui como objeto de análise a conquista de símbolos modernos, experiências modernas e seus impactos nas cidades de Pombal, Patos e Souza.

Nessa perspectiva, a cidade de Pombal nos é apresentada pelos escritos de Santana (2007) que tece algumas considerações de forma especial sobre as transformações materiais e simbólicas vividas por esta região durante as décadas de 1930-1950. Trabalhando com documentos oficiais como, tais como atas de reuniões da câmara legislativa de Pombal e códigos de postura municipal (1936), o autor traça um caminho sobre as memórias pombalenses de forma leve e peculiar. Em sua escrita percebemos que Pombal já em 1927 com a chegada do primeiro motor de luz do sertão paraibano, deseja se revestir com as maravilhas do progresso, nas décadas seguintes os símbolos do moderno como: o trem de ferro, o grupo escolar, hotéis, cinemas, praças etc., são algumas das transformações materiais em que a cidade se insere muito envolta do anseio da elite local e do poder municipal de penetrar nesse mundo moderno. (SANTANA, 2007, p. 6).

Através das falas de seus entrevistados, a cidade Pombal que em meio as transformações materiais, possui os ares do mundo rural, com o sol marcando o tempo e os afazeres de casa; a vida típica do campo perpassa as fronteiras da cidade, o hábito da criação de animais é uma prática muito comum vista com irritação pelo poder público, pois, estes animais circulavam sobre as ruas sujando e enfeando a urbe. Assim, o autor constrói um mosaico sobre Pombal que nos permite acessar os anseios e medos que se faziam presentes no processo de conquista material da cidade, os espaços em disputa, o novo e o tradicional, as experiências modernas ao lado de antigas práticas, constituem um campo de confronto que se faz presente na maioria das cidades do interior.

Outro estudo sobre cidade na perspectiva da modernidade refere-se a cidade de Patos entre as décadas de 1930-1950, escrita por Silva, Aranha e Oliveira, (2011) que tomam como

fonte depoimentos de pessoas letradas que vivenciaram esse período de alteração da paisagem urbana, jornais e teóricos que possuem essa temática como objeto de trabalho. Inicialmente, os autores abordam a partir de testemunhos a chegada da luz elétrica (1921), que tornam os dias mais longos e modificam os hábitos e as sociabilidades, as pessoas tem a possibilidade de encontros a noite, geralmente na praça da cidade, posteriormente o cinema chega para alargar o lazer dos habitantes, os filmes exibidos tomam-se modelos a serem seguidos de comportamento, vestimentas, romances etc., espaço que propiciou naquele contexto de sociedade patriarcal surgirem olhares, namoros e até casamentos, onde as moças colocavam suas melhores roupas para impressionar seus pretendentes.

A difusora que nasce na década de 1930 possui 18 estações sonoras pela cidade que se torna também ponto de encontro onde estas são se encontram, as pessoas se reúnem para escutar a notícias do mundo, do Brasil e principalmente as locais, esse meio de comunicação era a forma em que Patos se ligavam com o mundo exterior.

Outro trabalho muito enriquecedor sobre a modernidade, em especial na cidade de Souza é o de Sousa (2011), seu recorte temporal se faz presente entre 1930-1965, suas fontes versam entre entrevistas, jornais e teóricos que compartilham de seu tema de pesquisa, o autor faz uma discussão de como a modernidade penetra a cidade de Souza por meio da sétima arte: o cinema. No trabalho, o autor apresenta o cinema como ferramenta de modernização da urbe, inicialmente como o cinema itinerante e depois com uma estrutura mais confortável para os telespectadores, os filmes eram uma forma das pessoas entrarem em contato com outros costumes, que eram imitados por aquele que desejavam ser modernos, esses fatos não agradavam muito a igreja católica que temia pela família, pelo pudor e pelos bons costumes, assim, vários filmes foram cesurados pela igreja. (Sousa, 2011, p. 3).

Como vimos em outros trabalhos, o cinema na cidade de Souza também representou um espaço de lazer e divertimento onde as pessoas se encontravam e até namoravam, era um ambiente de sociabilidades, as telinhas serviam de fuga para outras realidades. Esses filmes eram divulgados por meio de bandas que desfilavam pelas principais ruas da cidade, seguidas de uma pessoa segurando um cartaz, onde informava a hora e o valor do filme que seria exibido naquele dia, convidando a todos para assistir.

Esses estudos nos mostram um forte interesse em (re)apresentar as cidades do interior paraibano sobre o viés das conquistas modernas que trazem consigo ares do tão desejado progresso, além de realçar a importância do trem, da luz, do telégrafo, de jornais para o desenvolvimento dessa região historicamente estigmatizada pela distância com o litoral.

Como vimos muitas cidades na Paraíba já foram pensadas sobre a ótica da modernidade, por diversas perspectivas, isso nos mostra o desejo de compreender como as pequenas urbes paraibanas iniciam seu processo de mudança por meio de novas tecnologias, que modificaram os diferentes modos de viver, em espaços marcados pela tradição.

Mais próximos de Umbuzeiro, isto é, no agreste paraibano, o trabalho de Gomes (2012) analisou a cidade, de Aroeiras que pertenceu durante muito tempo a Umbuzeiro, destacando os diferentes projetos e desejos para equipar o distrito e posteriormente a cidade durante as décadas de 1920 e 1960. Esse trabalho busca analisar os desejos de modernização e civilidade de uma cidade que almeja o status de evoluída, como também, seus contrastes com a realidade, pois, essa aspiração muitas vezes não era refletida no campo do concreto, as memórias que ajudaram o autor a desenvolver suas problemáticas narram uma Aroeira como lugar que opera os signos do tradicional e do moderno simultaneamente, ora na mesma cadência ora, em cadências distintas.

Outra pesquisa que contribui para entendermos a cidade, em especial a centenária Umbuzeiro, a partir de uma perspectiva política, é o de Silva (2015). A autora nos apresenta uma cidade monumentalizada por personagens que demarcam um espaço de poder que se se faz presente de forma material em toda cidade por meio de bustos (04), prédios públicos e ruas de quase toda cidade, esses espaços são nomeados com membros da poderosa família Pessoa, deixando visível seu poder econômico, político e simbólico. A Umbuzeiro de sua análise, também foi detectada sob viés saudosista, os depoimentos presentes em seu trabalho revelam uma urbe que está arquitetada na memória cidadina que constroem e (re) constroem uma cidade com suas grandes festas como a vaquejada, uma das maiores e mais tradicionais da região, que sempre reunia um grande número de pessoas.

Importante salientar que Silva não teve o objetivo de aprofundar a discursão sobre a modernidade em Umbuzeiro. Por isso, apenas toca em algumas conquistas materiais que geraram uma mudança de hábitos e modos de viver, como: a luz, o campo de aviação, o anseio pela chegada do trem, entre outros, que alteram a paisagem urbana e trás consigo aspirações do progresso que tanto deseja os umbuzeirenses. Uma gama de fontes que lhe possibilita a autora tocar em vários aspectos da cidade, desde suas imagens fabricadas no imaginário coletivo até a perda de espaço político da tradicional família Pessoa em âmbito, nacional, estadual e local. Além, de revelar espaços ocupados pelos populares onde vivem e moldam a cidade ao seu modo tendo suas experiências entre o fio tênue da existência.

Ainda sobre Umbuzeiro, tratando-se sob outra perspectiva teórica e metodológica, encontramos o trabalho de Gomes (1995), advogado e memorialista, autor de diversos livros, entre eles, *Umbuzeiro: 100 anos*. Essa obra é visitada por quem possui o intuito de pesquisar sobre Umbuzeiro, ele faz o exercício de agrupar informações que servem de guia para uma pesquisa mais profunda e crítica.

O autor busca fazer uma “história global” de Umbuzeiro, elencando datas, fatos, eventos, que tiveram grande relevância para a cidade, Gomes é percussor na elaboração de uma construção narrativa tendo como objeto a cidade e suas transformações, como também os cidadãos que nela habitam. No entanto não há uma criticidade em relação as fontes, aos relatos, e as datas apresentadas em seu trabalho. Nessa perspectiva, não podemos cobrar de um memorialista o rigor com o a narrativa histórica de um historiador que teve uma formação acadêmica para lidar com questões pertinentes ao campo da história e de seu fazer enquanto ciência.

A partir dessas obras, iniciamos nossa caminhada sobre Umbuzeiro, terra da família Pessoa e dos filhos ilustres: Epitácio Pessoa, João Pessoa e Assis Chateaubriand. Cidade que se desenvolveu marcada pelas tramas políticas da tradicional família Pessoa, que deu visibilidade a este espaço urbano e contribuiu para suas conquistas materiais.

CAPÍTULO II

UMBUZEIRO: MODERNA, DESENVOLVIDA E CIVILIZADA?

Em fins do século XVII, Teodósio de Oliveira Ledo, capitão-mor dos Cariris, Piranhas e Piancó, após receber do governador da Paraíba do Norte alguma munição, mantimentos e terço de guerra saiu da atual cidade de Pilar em direção ao sertão dos índios Tapuias. Nessa empreitada, percorrendo o leito do rio Paraíba na direção leste-oeste, alcançou a região dorsal da Serra dos Cariris Velhos, hoje, o Agreste Paraibano. (SILVA, 2015, p. 53). Era uma larga região que foi lentamente tomada dos nativos e que décadas mais tarde será denominada de Umbuzeiro.

Há registros de que em 8 de outubro de 1713, durante o governo de João Maia da Gama, o senhor Marcos de Castro Rocha, juntamente com mais três parentes, adquiriram uma área total de doze léguas de terra. Est seria o primeiro morador das terras umbuzeirenses. Mais tarde, juntamente com Antônio Tavares de Castro, o requerente receberia mais seis léguas de terras, concedidas em 1 de julho de 1720. Com estas doações de terras foram alicerçadas as bases para o povoamento do solo onde seria erguida a futura cidade de Umbuzeiro. Dentre os primeiros moradores, temos os nomes de: “José da Silva Pessoa, Gervásio Travassos Sarinho e os “coronéis” Assunção Calafange e Calafange Santiago” (IBGE, 1960, p. 413).

Em âmbito político-territorial, historicamente as terras onde hoje se encontra este município pertenceram inicialmente à capitania de Itamaracá e, em seguida, à Pernambuco. A partir de 1585 foi parte da Capitania da Parahyba do Norte. Após sua divisão municipal, pertenceu respectivamente à Vila Real de São João do Cariri, Vila de Cabaceiras e à Vila de Ingá. Desta última se emancipou em 1890, pelo Decreto nº 15 de 2 de maio, que criou o município de Umbuzeiro, durante o governo provisório do Dr. Venâncio Neiva (TAVARES, 1909, p. 739). A partir de então, o pequeno povoado seria elevado à categoria de Vila e denominado de Vila de Umbuzeiro.

O momento da instalação da Vila foi noticiado pela Gazeta do Sertão, sob o título de “Ligitimo regozijo Umbuseirense”. Comemorada no dia 12 de junho de 1890, a nova Vila foi “testemunha d’uma festa grande demais para os seus meios, e também modesta, pelo diferente aspecto que imprimia: era a festa de democracia e liberdade”, que foi possível graças às “grandes medidas do imenso governo republicano”. As ruas “embandeiradas e symmetricamente arborizadas”, assim como a “girandola de fogos” anunciavam aquele alegre

dia. Um acalorado agradecimento foi feito a Epitácio Pessoa, então secretário do Estado e “filho desta villa, a quem os festejantes foram especialmente render um preito de homenagem”.

No tocante ao nome dado a esta vila do século XIX, sua origem reside nos frondosos pés de umbuzeiro, árvore de pequeno porte bastante comum na região. É uma corruptela da palavra tupi-guarani "y-mb-u", que significava “árvore-que-dá-de-beber” e cientificamente denominada *Spondias tuberosa*. Por ser abundante nos arredores da vila, serviu de abrigo e alimento aos tropeiros viajantes que por ali passavam frequentemente transportando o algodão proveniente de Campina Grande e região em direção ao mercado de Recife, na vizinha Pernambuco, durante o ciclo algodoeiro paraibano.

A Vila de *Umbuzeiro* estava situada no ponto mediano entre Campina Grande e Recife. Assim, entre uma noite e outra, os tropeiros faziam daquele lugar ponto de pouso e pernoite, contribuindo significativamente para o povoamento do lugar, uma vez que a partir de suas estadias, outras atividades puderam ser desenvolvidas, a exemplo daqueles que se encarregavam de hospedar e vender alimento a estes viajantes. Dessa forma, é possível que os primeiros moradores da recém-fundada vila tenham sido atraídos pelas vantagens comerciais com os tropeiros.

Cabe destacar ainda que o município umbuzeirense passou por várias categorias administrativas ao longo dos anos. Após ser elevado à categoria de Vila em 1890, retornou à condição de Povoado em 1892, quando a Sede Municipal foi transferida para a povoação de Barra de Natuba, através do Decreto nº 25 de 19 de maio daquele ano. Pouco tempo mais tarde, já em 1904, perante a catastrófica enchente que assolou a vila da Barra de Natuba, Umbuzeiro retomou a categoria de Sede Municipal pela Lei nº 225, de 19 de novembro do mesmo ano. (SILVA, 2015, p. 64).

Em 30 de março de 1938, durante o Estado Novo, a Vila foi finalmente elevada à categoria de Cidade. O município possui atualmente uma população estimada (2016- IBGE) de 9.901 habitantes, distribuídos numa área de 181.327 km², limitando-se ao Leste com Natuba; ao Oeste com Santa Cecília; ao Norte com Gado Bravo e Aroeiras; e ao Sul com o Estado de Pernambuco, fazendo divisa com os municípios de Orobó, Casinhas e Vertente do Lério.

Um aspecto bastante inusitado oferece a esta urbe uma condição bastante singular. Por estar localizada na região limítrofe com o estado de Pernambuco, algumas casas encontram-se divididas entre as duas unidades federativas, podendo estar cada cômodo de uma casa num

estado diferente, e havendo, inclusive, a possibilidade de a mãe optar pela naturalidade de seus filhos. Essa situação já fez com que houvesse duas feiras num mesmo dia, em estados diversos. Desde 1943 a porção pernambucana, originalmente denominada de Umbuzeiro, passou a ser denominada de Umburetama, sendo distrito do município de Orobó.

A cidade está a cerca de 199 km da capital paraibana (seguindo por Campina Grande). É um espaço urbano de pequeno porte, um arquétipo da tradicional cidade do interior nordestino. Provavelmente passaria despercebida aos olhares menos atentos, não fosse a beleza da sua arquitetura ainda conservada em algumas residências, com casas que possuem estilos e características arquitetônicas ecléticas, remetendo ao neoclássico, neogótico e em art déco.

Ao longo dos anos Umbuzeiro seguiu desenhando novos traçados urbanos. Possuía ruas niveladas, calçadas e arborizadas que lhe propiciavam um “aspecto agradável e bello”. Completando este cenário, a Prefeitura adquiriu um motor “Gazogenio Acetylene, acompanhado do petrecho necessário” e inaugurou a “iluminação publica no meio de appaluso dos habitantes” no dia “13 de maio de 1906”. (GOMES, 1995, p. 104).

Com isso se tornou a primeira Vila do interior paraibano a dispor de iluminação pública a acetileno. Esse fato impactou a vida dos cidadãos lhe possibilitando novos espaços de sociabilidades, diversão e encontros. Agora era possível os passeios a noite, a conversa na causada seria iluminada por um dos mais importantes símbolos da conquista material umbuzeirense.

O memorialista não deixa de relatar o progresso dos meios de comunicação na cidade. Desde 1899 a cidade possuía “Correios e Telégrafos”. Não estava isolada da capital e de Pernambuco, mas as dificuldades encontradas por tais serviços eram grandes e “as correspondências ‘viajavam às costas de animais, via João Pessoa, Ingá, Aroeiras a Umbuzeiro”. Esta rota seria mudada em 1908, quando Eptácio Pessoa criou a “linha pernambucana da agência dos Correios de Umbuzeiro via Limoeiro-Bom Jardim-Umbuzeiro”. No ano seguinte, anunciou-se a “instalação da linha telegráfica de Bom Jardim a Umbuzeiro”, inaugurada em “15 de novembro de 1911, sendo substituída por um aparelho Morse em 1912” (GOMES, 1995, p. 84).

“Em 1908, a população era de aproximadamente 11.000 mil habitantes em todo o município. A vila contava com 108 casas e seu primeiro sobrado.” (SILVA, 2015, p. 52). Essa construção de dois andares certamente pertencia a uma família com um grande poder

econômico, era percebida e admirada pelos passantes que cruzavam as ruas largas da pacata Umbuzeiro.

Podemos perceber na foto abaixo a imponência do primeiro sobrado de Umbuzeiro ao lado de casas mais simples, certamente era motivo olhares curiosos, a frente temos a Praça João Pessoa que foi inaugurada em 1931 com a construção do busto após a morte de João Pessoa em sua homenagem, há alguns bancos na praça onde as pessoas se encontravam para conversar, ponto de encontro, divulgação de notícias, espaço de sociabilidade dos cidadãos.

Figura 1 - Praça João Pessoa



(Fotografia do acervo pessoal de Tatiane Vieira)

Na imagem, vemos a Praça João Pessoa nome das vias que a cercam. Antes a praça era nomeada de Monsenhor Walfredo, alteração ocorrida a pós a morte do Presidente João Pessoa. As ruas são largas e causadas, um carro pode ser avistado, símbolo de modernidade e poder econômico para quem o possuía, tendo em vista, que as pessoas se locomoviam em grande medida de cavalos, burros e os mais populares a pé. Dessa forma, o automóvel se configura como símbolo de poder e status social.

A imagem mostra a iluminação está presente na vida de grande parte do perímetro urbano alargando o dia e possibilitando novos hábitos. Porém, o ritmo que compõe a vida dos cidadãos na década de 1930 período em que provavelmente a foto foi feita é calmo e não

requer muita pressa, o dia passa lentamente e, ao fim, o por do sol é acompanhado por muitos debruçados nas janelas.

Umbuzeiro durante as três primeiras décadas do século XX possui traços interioranos, marcados pelos hábitos de um povo simples e pacato, o meio rural e a agricultura eram muito presentes no cotidiano dessa cidade que tentava a cada conquista material se revestir de modernidade, mas, permanece com velhas práticas interioranas.

Umbuzeiro foi projetada para ser uma grande cidade, possui na arquitetura dos prédios públicos a materialidade da imponência e do desejo da modernidade, dois grandes exemplos são o Mercado Público inaugurado em 1916 e o Grupo Escolar Coronel Antônio Pessoa inaugurado em 1909. Na imagem abaixo, provavelmente da década de 1930, é possível ainda perceber alguns aspectos de ruralidade que se misturavam a itens modernizantes que cercavam as suas ruas naquele contexto. Vejamos.

Figura 2 - Mercado Público



(Fotografia do cervo pessoal de Jorge Venâncio)

A foto a cima mostra o Mercado Público construído em estilo *art déco*. O *déco* era o que havia de mais moderno em termos de estilo de construção que começou a invadir o Brasil nas décadas de 1920 e 1930, exemplo disso é que a reforma de Vergniaud Wanderley fez em Campina Grande, as construções foram todas inspiradas na *art déco*.

O mercado possui arcos que lembram o raiar do dia, o progresso chegando a esta urbe, suas dimensões são de grande porte para o período, comportava grandes quantidades de mercadoria dos comerciantes locais e vindos de outros municípios, um item modernizante em meio a práticas e hábitos rurais.

O mercado foi fotografado aberto, com algumas barracas de madeira e protegidas contra o sol para não estragar a mercadoria a sua frente e, no nosso lado esquerdo podemos observar um animal transportando um homem e sua mercadoria, esta imagem reflete uma prática muito comum dos cidadãos umbuzeirenses.

Era comum a circulação de animais como meio de transporte já que a maioria do território de Umbuzeiro era rural e invadia o perímetro urbano mostrando a simplicidade dos populares. Além disso, o automóvel não era acessível a maioria das famílias umbuzeirenses, as quais encontravam nos animais de carga um meio de locomoção mais próximo de sua realidade.

Outra imponente construção da época foi o Grupo Escolar que recebe o nome de outro filho ilustre da cidade, isto é, o Coronel Antônio Pessoa, irmão de Epitácio Pessoa e tio de João Pessoa. Na imagem abaixo, é possível perceber traços de sua construção.

Figura 3 - Grupo Escolar Coronel Antônio Pessoa



(Fotografia do acervo pessoal da autora)

A imagem acima é do Grupo Escolar Coronel Antônio Pessoa construído para instruir a elite local, erguido no centro da urbe que se moldava a partir dos referenciais das grandes

capitais como Recife e Rio de Janeiro, possuía o anseio de conquistar um lugar de destaque entre as cidades paraibanas e nordestinas. Este espaço dedicado ao conhecimento possui 6 salas grandes, claras e bem ventiladas, um pátio onde eram feitas as apresentações dos alunos, ao lado um alpendre e um espaço plano que possivelmente seria destinado a outras vivências educativas e a sociabilidade dos alunos que ali foram alfabetizados.

Umbuzeiro busca por meio dos símbolos modernos que foi conquistando ao longo do tempo, inserir aspectos civilizatórios aos espaços urbanos tanto no âmbito público quanto privado, e a educação é uma poderosa ferramenta que possui esta condição, alfabetizar a elite nesse contexto é importante para o status social não apenas das famílias mais abastadas, como também, a própria urbe que adquire a imagem de letrada e civilizada.

Umbuzeiro ajuda-nos a pensar as sociedades situadas no interior do estado da Paraíba, tendo em vista suas inúmeras peculiaridades. Alguns de seus filhos são personagens que protagonizaram a cena política tanto em âmbito local como em âmbito nacional, o que permitiu que esta urbe se transformasse num lugar de destaque entre as demais cidades interioranas. A partir da forte influência política dos seus *filhos ilustres*, a cidade que nasce como ponto de descanso para grande parte dos tropeiros que vinham do Recife para Campina Grande, é a primeira cidade do interior a possuir iluminação pública, e outros símbolos que trazem uma experiência de modernidade para a população desse período, como relata o presidente da Paraíba:

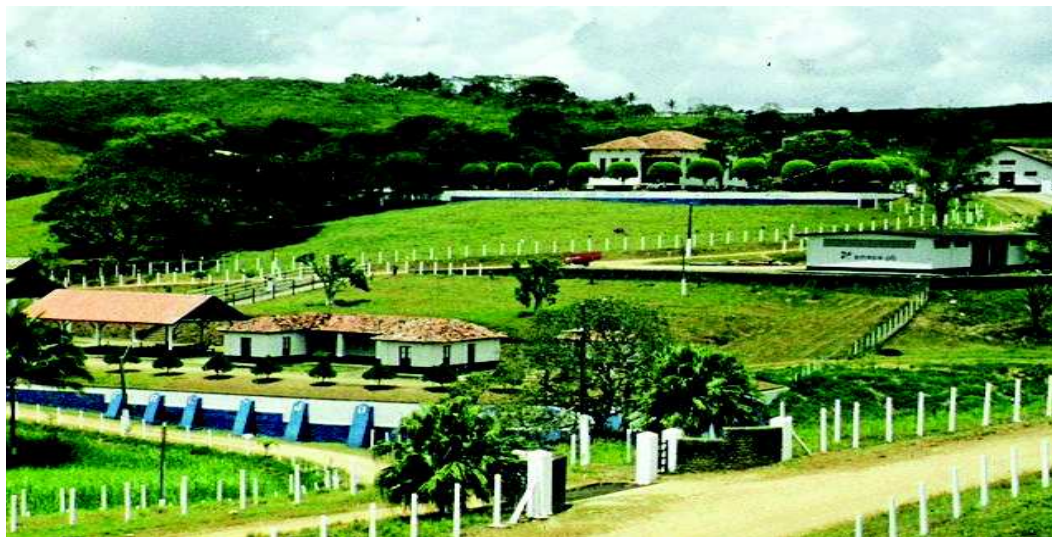
(...) Em discurso proferido na Tribuna da Assembleia Legislativa da Paraíba, em 1907, o padre e então presidente da Paraíba, Monsenhor Walfredo Leal, informava que Umbuzeiro era “incontestavelmente um dos municípios mais florescentes do Estado, onde a municipalidade muito tem feito”. Possuía ruas niveladas, calçadas e arborizadas que lhe propiciavam um “aspecto agradável e bello”. (SILVA, 2015, P. 20.).

A Umbuzeiro do início do século XX, como podemos observar, possuía alguns símbolos que lhe caracterizavam como agradável e bela. Assim, penetrar nessa sociedade, tentando perceber quais experiências estavam contidas naquele contexto de mudanças que englobam aspectos arquitetônicos, os meios de transporte e de comunicação, são exemplos de experiências inspiradas a partir dos grandes centros urbanos idealizados como cidade moderna.

Nessa perspectiva, percebemos que Umbuzeiro é caracterizada como uma cidade onde a modernidade se fez presente. Uma modernidade que em grande medida, foi proporcionada pelo poder público municipal, o qual, sempre teve vinculado a poderosa família Pessoa.

Família esta que fazia parte da elite paraibana e que tinha o desejo de inserir sua cidade natal no rol das urbes modernas, dando-lhes equipamentos que eram os símbolos do desenvolvimento, do moderno e do civismo.

Figura 4 - Estação Experimental João Pessoa



(Fotografia do acervo pessoal da autora)

A foto acima é uma construção do audacioso projeto assinado através do Decreto nº 14.711, de 5 de março de 1921, pelo Drº Epitácio Pessoa presidente da república e filho de umbuzeiro. A “Estação de Monta de Umbuzeiro” foi inaugurada em 14 de novembro de 1922, já no último dia de seu mandato presidencial. A estação preservou grande parte de suas características originais que podem ser observadas até os dias atuais, e para dirigir o estabelecimento, foi nomeado seu sobrinho, o engenheiro agrônomo Epitácio Pessoa Sobrinho. (SILVA, 2015, p.113).

A “Estação de Monta de Umbuzeiro” possibilitou uma maior visibilidade para a cidade, que gerou grandes benefícios para a economia local. Ao longo do tempo este espaço passou por inúmeras transformações desde administrativas até sua própria nomenclatura, hoje é conhecida como “Estação Experimental João Pessoa”, sendo pertencente a duas empresas, federal e estadual, são elas: EMBRAPA e EMEPA, respectivamente.

Outro símbolo da modernidade que os cidadãos tanto desejavam era a chegada do trem em Umbuzeiro, sua construção foi inserida nos projetos contra seca, durante o governo do presidente da república e então filho de Umbuzeiro Epitácio Pessoa, as obras de construção

da linha férrea foram planejadas para saírem da capital pernambucana, Recife até a cidade que possuía ares inovadores: a pacata, Umbuzeiro.

No entanto, o trem não aporta em Umbuzeiro, e o espaço que deveria acolher o trem e suas novidades, sociabilidades, sensibilidades, dá lugar a Estação de Monta João Pessoa, que tornou-se um centro de referência nacional em pesquisas e reprodução do boi gir leitero. Os motivos apontados no relatório apresentado ao ministério da aviação e obras públicas em 1922, revela gastos muito altos para a concretização da obra que fica parada na cidade pernambucana de Bom Jardim, como está exposto abaixo:

Estrada de Ferro de Limoeiro a Umbuzeiro – Esta Estrada de Ferro faz parte da “Great Western”, sendo prolongamento da de Recife a Limoeiro tendo como ponto terminal a villa de Umbuzeiro, no Estado de Parahyba. (...) Os trabalhos de construção, iniciados por aquella companhia em abril de 1921, foram continuados pela Inspectoria Federal de Obras contra as Seccas, em fins de janeiro de 1922, em cumprimento do decreto n. 15.249, de 4 de janeiro do mesmo anno. No período de abril a dezembro de 1921 o serviço de terraplanagem, executado pela referida companhia, foi muito insignificante, produzindo um volume de excavação inferior a 4.000 metros cúbicos, compreendido no trecho entre as estacas 75 e 180 do actual traçado. A continuação dos serviços por parte da Inspectoria Federal de Obras contra as Seccas, apresentou um aspecto muito diverso, com um desenvolvimento intenso, affluencia de trabalhadores, abundancia de material e pontualidade no pagamento feito semanalmente. As despesas realizadas em 1922 attingiram a6.326:417\$779, havendo ainda avultados compromissos a saldar. Resolveu o Governo suspender as obras desta estada, até dar melhor organização ao serviço e limita-li aos recursos disponiveis. (1922, p. 100).

Assim, o sonho de ter o trem em Umbuzeiro não se realiza, e a cidade perde um importante símbolo da modernidade que iria beneficiar em grande medida os populares por ser um meio de transporte mais acessível, além de permitir que o acesso a mercadoria, a informação, a moda, a utensílios, fosse mais rápido, interligando os umbuzeirenses ao mundo. Uma das construções humanas mais fascinantes do século XIX são as chamadas cidades modernas, e com elas, surgem às multidões, a escassez do tempo, a pressa das relações interpessoais e o encantamento pelo novo trago no brilho das luzes que clareiam as cidades. O desejo de integrar-se aos novos modos de vida tragos nos trilhos da modernidade fez Umbuzeiro buscar alguns símbolos do moderno, como: o trem de ferro.

O trem que nunca aportou em Umbuzeiro é um projeto político que foi elaborado pela família Pessoa e que serviu aos seus interesses, uma vez, que os trilhos trariam ainda mais visibilidade para esta urbe, as elites que davam sustentação a família Pessoa almejavam escutar o barulho do trem, como toda população que construía na memória imagens e desejos esperançosos e ansiosos pela tão sonhada chegada do trem.

Possivelmente as pessoas que trabalhavam na construção dos trilhos muitos deles eram de Umbuzeiro e arredores fator que produz uma expectativa na conclusão da linha férrea que não é concluída, o desejo dessa conquista material é interrompido com a saída de Epitácio Pessoa da Presidência da República.

Nesta perspectiva, o jornal Diário de Pernambuco noticiou inúmeras reportagens abordando a expectativa dos cidadãos para com a chegada do trem que traria consigo o progresso e o desenvolvimento econômico. Como mostra a notícia transcrita abaixo:

As classes produtoras de Umbuzeiro e Orobó dirigiram um telegrama ao Presidente da República, com 200 assinaturas em o qual solicitam providências para o reinício do Ramal Férreo de Bom Jardim a Umbuzeiro, compreendendo 18 quilômetros, cujas obras pela metade, foram interrompidas pela metade há 24 anos. Além de causar enorme prejuízo ao patrimônio nacional, estão retardando o desenvolvimento da região. (Diário de Pernambuco, 10 de jul. de 1946, p. 8).

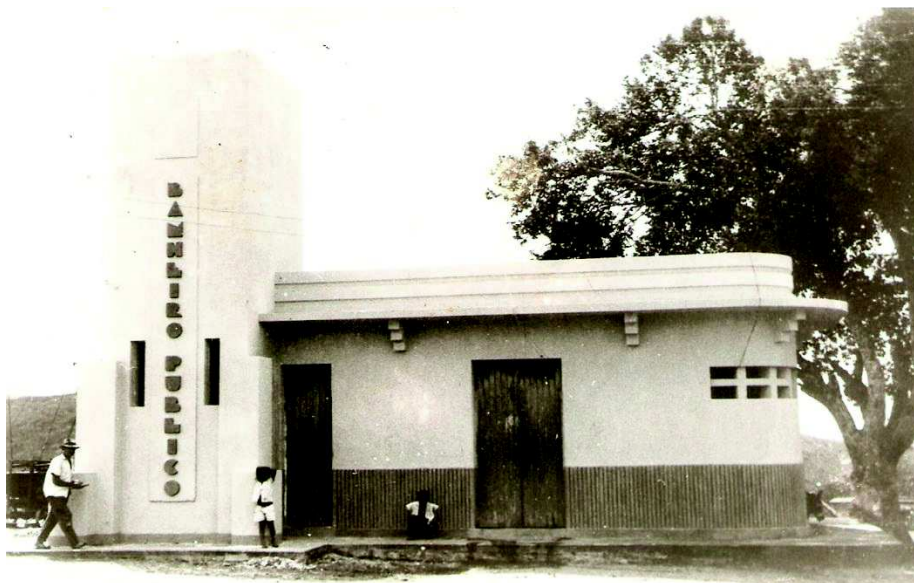
Como podemos observar não apenas os cidadãos de Umbuzeiro aguardavam a chegada do trem mais, toda a região que esperava pelo processo de desenvolvimento econômico acarretado pelos trilhos que nunca chegaram. Aranha (2005) aborda o trem como símbolo da modernidade que é advento do processo de modernização brasileira e nortista, levando para as terras que os trilhos alcançam o almejado progresso.

Em fins da década de 1930 outro jornal publica notícias sobre a cidade de Umbuzeiro, fato comum no mandato do Prefeito Dr. Carlos Pessoa o qual sempre usava esse meio de comunicação para divulgar suas bem feitorias, como mostra a notícia abaixo:

Aproveitando o dia solene de Páscoa, o Prefeito do Município, o Dr. Carlos Pessoa inaugurou mais um melhoramento neste Município: uma serie de banheiros públicos com seus respectivos Walter-Closet, construídos em estilo moderníssimo e com todas as condições higiênicas. Acham-se instalados em um elegante prédio construído também agora, em uma das nossas belas praças. O novo melhoramento ao lado da construção do palanque onde está instalado o Receptor de Radio da Prefeitura; a ampliação do cemitério local; a construção de uma Cadeia; aformoseamento de uma praça; instalação de um poço tubular; [...] etc, sagra a administração do Sr. Carlos Pessoa como uma das mais profícuas. (A IMPRENSA, 30 abr. 1938, p. 4).

A urbe aqui apresentada é marcada pelos símbolos modernos que a administração municipal construiu e inaugurou ao longo do tempo, pensar nesses avanços tecnológicos nos faz perceber como a imagem de Umbuzeiro é construída e divulgada para assim, não só enaltecer a cidade mais, seu administrador.

Figura 5 - Banheiro Público



(Fotografia do acervo pessoal da autora)

A imagem a cima é uma foto do banheiro público com duas portas, possivelmente para fazer uma divisão por sexo, uma para homens e outra para as mulheres, contornado por um pequeno calçamento o qual dava ares modernos a construção, vemos ainda duas crianças em frente ao banheiro e um homem.

As crianças aparentam estarem esperando por alguém, suas roupas são populares, uma blusa aberta com mangas e de botões na frente para fechar a camisa, embaixo estão usando um short. O homem de aparência simples usando uma camisa do mesmo modelo que as crianças, de calça e chapéu, item muito utilizado por todos os homens desde os mais ricos até os mais pobres, o ritmo do tempo obedecia a um estilo próprio a urbe moderna não possui a pressa de outros espaços urbanos.

Os cidadãos experimentavam esses símbolos que Umbuzeiro ia adquirindo, a partir do seu dia a dia, seus usos lhe permitiam acessar essas experiências modernas de entrar em contato com conquista material, antes desconhecido pela população.

Dessa forma, ao entrarmos nos caminhos do processo de modernização umbuzeirense percebemos que esse fenômeno está muito distante dos ritmos frenéticos das grandes urbes modernas, obedece a ritmos outros com cadências próprias da região, a modernidade aqui é sentida, experimentada e vivida com muita calma.

CAPÍTULO III

A MODERNIDADE ADENTRA OS LARES UMBUZEIRENSES

A adentrarmos nos diversos espaços do morar, percebemos que houveram transformações nos modos de organização do mobiliário doméstico, em sua forma de utilizar e nos próprios materiais que compunham os móveis que ornamentavam as diversas casas umbuzeirenses, tanto as com um poder aquisitivo maior, como as mais populares. Aqui iremos fazer o exercício de tentar buscar compreender como a modernização se materializada nos interiores dos lares, quais utensílios domésticos ocupavam os diversos espaços das residências, como era sua organização nos cômodos, como também, perceber quais são as continuidades e rupturas. Por meio de leituras que compactuam com nosso objeto e pelo mapeamento e análise de inventários que fazem parte do arquivo do Fórum de Umbuzeiro. Nessa perspectiva, optamos por nos debruçarmos sobre os inventários de 1900-1930 período que é objeto da nossa investigação.

A conquista material durante a primeira metade do século XX possui forte influência europeia que se imprimi como referência a ser seguida pela elite brasileira e uma preocupação com os móveis domésticos. “Paulatinamente os interiores das residências foram sendo valorizados. Havia uma preocupação com os adornos que complementavam a decoração dos ambientes para se tornarem menos áridos e mais personalizados.” (ABRAHÃO, 2010, p.95).

A casa passa a ser um espaço privado que se comporta de formas diversificadas, tendo dentro desse espaço privado, sub-divisões que possuem uma conotação de “público” e “privado”, como as salas de jantar que foram, aos poucos sendo abertas ao público por meio de jantares e os quartos e banheiros como espaço reservado, ou seja, íntimo. “Os jantares passaram a ser oferecidos a convidados ilustres e membros de outras famílias pertencentes ao mesmo estrato social. Nessas reuniões, reafirmavam-se velhas alianças políticas e econômicas (...).” (ABRAHÃO, 2010, p.96). Certamente, Umbuzeiro berço da poderosa família Pessoa realizou muitos jantares para receber políticos, fazendeiros, coronéis, comerciantes, ou seja, pessoas que exerciam influência sobre o campo político-administrativo e econômico local e nacional.

Dessa forma, ao identificarmos as transformações ocorridas nos interiores das residências por meio da cultura material, (entendida aqui como um conjunto de objetos que representem a forma de viver, morar, comer de uma determinada sociedade) observamos que a mobília passa de geração em geração e ganha um novo sentido passando do material para o

simbólico, muitas peças irão ser tidas como objeto indenitário de algumas famílias, e consequentemente artigo de destaque.

Para esse exercício, uma fonte mostrou-se essencial, a saber, os inventários *post mortem* pesquisados no Fórum Epitácio Pessoa na cidade de Umbuzeiro. Naquele arquivo, mantivemos contato com 25 inventários, sendo 1 do ano de 1911, 2 do ano de 1920, 1 do ano de 1924, 3 do ano de 1926, 1 do ano de 1927, 4 do ano de 1931, 4 do ano de 1937, 3 do ano de 1938, 6 do ano de 1939. Dos 25 inventários que tivemos contato. 17 foram da zona rural e 8 da zona urbana. Houveram uma recorrência detalhada de bens que foram declarados, como: mesa, tamboretas, casa, telhado, terras, gado, dinheiro ou dívidas, materiais preciosos (ouro, prata e cobre), quando haviam. O valor dos móveis e imóveis tudo era declarado no inventário, também é possível encontrar detalhes ricos do meio familiar, quantos membros são, casados ou solteiros, idade, onde moram, ou seja, o inventário é uma fonte em potencial para tentar analisar uma sociedade de outro contexto, de outro período porque, nela encontra-se detalhes não só dos bens que são inventariados mais das pessoas que compartilham esses bens e do inventariado.

Os inventários analisados foram importantes para perceber um pouco o universo do interior de muitas casas de Umbuzeiro cujos moradores conviviam com sinais do moderno experimentados no âmbito externo, sendo muitos deles incorporados no interior do lar. Por outro lado, os documentos informaram que a cidade que se queria moderna, mostrando-se civilizada, também pelo fato de ter sido berço de homens ilustres, apresentava contradições posto que muitos de seus antigos moradores conviviam com hábitos de vida simples, enquanto que outros desfrutavam de itens mais requintados da cultura material.

Um desses inventários é datado de 25 de outubro de 1938, quando foi inventariado os bens do Senhor Manoel Freire da Silva, o inventariante foi seu filho Senhor Antônio Freire da Silva, residente em “Pedra D’água” desde nascemos. E a escritã responsável pelo processo foi Carmen Cavalcante, ela registra que o inventariado possuía:

Declarou coistirem seis tamboretas com assentos de palha (...) que vista foram avaliados por nove mil reis, uma mesa grande, para refeições, perfeita, que vista foi avaliada por vinte mil reis. Declarou coistirem uma espreguiçadeira, que vista, foi avaliada por cinco mil reis. (INVENTÁRIO, 1938, p.3).

O trecho acima faz referência a um inventario que descreve com detalhes a situação com que se encontravam alguns móveis, do Senhor Manoel Freire da Silva, a partir da descrição da mesa como “grande” é um indicativo que possuía uma família numerosa. Era um

homem de algumas posses e possivelmente recebia alguns amigos e parentes em sua casa e, assim, a mesa torna-se um elemento importante no mobiliário, pois, era o local de degustar os sabores da casa nas refeições, acompanhadas de conversas que poderiam versar desde uma conversa agradável com amigos até desentendimentos familiares.

Este senhor também era dono de:

Declarou o inventariante existir uma parte de terras no lugar “Cru das Almas” do districto de Natuba deste ferno, havia por compra a Clementino Pereira da Silva (...). Declarou coistirem dois porcos, 1 vaca solteira, 3 vacas leiteras e 2 garrote já crescido (...). (INVENTÁRIO, 1938, p.4).

Como nos mostra o descrição do inventário acima, o Senhor Manoel possuía terras, um mobiliário formidável e alguns animais que eram avaliados para serem dividido entre os filhos e sua esposa,

As casas também reservavam um espaço para as orações diante dos santos católicos geralmente em oratórios, que era uma reconstrução informal de um mine altar que possuía elementos cristãos como: terços, imagens de santos, velas, flores, fitas, para que a família tivesse um espaço revestido de uma áurea sagrada, um espaço familiar íntimo e especialmente onde Deus poderia ouvis as preces de seus fiéis.

Nessa perspectiva, outros elementos da cultura material criam aspectos indenitários familiares específicos em cada espaço de acordo com sua disposição, como é o caso da cristaleira, relógio de parede, lustre, detalhes arquitetônicos do interior da casa, papelreira. Assim, as famílias umbuzeirenses principalmente aquelas com um poder aquisitivo maior montavam suas casas com móveis como mostra a foto abaixo.

Figura 6 - Cristaleira



(Fotografia do acervo pessoal da autora)

A imagem acima é uma foto capturada na casa onde morou Epitácio da Silva Sobrinho, membro da família Pessoa, o qual foi nomeado pelo então Presidente da República Epiácio Pessoa e seu tio para ser o primeiro chefe da recém construída “Estação de Monta de Umbuzeiro” inaugurada as presas um dia antes de Epiácio deixar o comando do Brasil. Por muito tempo essa cristaleira esteve ornamentando a casa onde habitava Epiácio Sobrinho, como também outras dessas deixavam o ambiente mais charmoso e moderno, ela permanece na mesma casa ate hoje, agora conhecida como EMEPA e é admirada pelos inúmeros visitantes que a unidade recebe e possuem a oportunidade de mergulhar na história a partir da cultura material.

Na sala onde está a cristaleira também, podemos observar dois vasos feitos de cerâmica portuguesa, colocados um em cada lado da cristaleira como objeto decorativo que chama a atenção de olhares curiosos pela sua beleza e delicadeza.

Figura 7 - Vaso Português



(Fotografia do acervo pessoal da autora)

O vaso era um objeto de decoração o qual expressa um poder simbólico, tendo em vista, que este é um artigo de luxo presentes nos lares das famílias de classe alta que detinha um capital econômico que lhe possibilitaria a aquisição de peças como estas que denotam uma modernização no espaço privado. Assim, a modernização dos lares umbuzeirenses pode

ser observada nos pequenos detalhes do mobiliário doméstico, modificando os hábitos, costumes e práticas do cotidiano, ou seja, transformando os diferentes modos de morar e viver na urbe.

Figura 8 - Papeleira



(Fotografia do acervo pessoal da autora)

A foto acima é uma papeleira muito utilizada para guardar documentos importantes, esse móvel era muito presente nos escritórios, espaços reservados em sua grande maioria ao sexo masculino, por ser entendido como uma extensão do espaço público, esse ambiente era geralmente destinado ao trabalho, manuseio de documentos, e dinheiro. As conversas íntimas relacionadas aos negócios eram feitas nessa nova habitação dos lares da elite.

Em seu escritório os aristocratas recebiam os amigos, os aliados políticos e tratavam de tudo que se relacionava aos seus negócios. Esses gabinetes em geral eram mobiliados com escrivaninhas, cadeiras com braço, um pequeno sofá, mesinhas de canto e estantes envidraçadas para os livros. As paredes eram forradas por papéis de parede, quadros e alguns retratos da família. Sobre a mesa ficavam os candelabros com mangas de vidro ou cristal e os objetos de uso pessoal como a caneta, o tinteiro e a espátula de abrir cartas. (ABRAHÃO, 2010, p.123-24).

Figura 9 - Cadeira



(Fotografia do acervo pessoa da autora)

Essa cadeira possivelmente fez parte da mobília de algum escritório em Umbuzeiro, hoje, ela se encontra na Estação Experimental João Pessoa e de forma específica pode ter sido utilizada por algum membro da família pessoa já que por muito tempo esta esteve a frente dos cargos de chefia da unidade. Esses móveis expressam um poder de famílias influentes da região, e a tão sonhada modernidade em Umbuzeiro perpassa pelas casas e se estabelece nos diversos espaços do privado, assim, a cadeira acima foi um símbolo não só de ornamentação, mais, de conforto e poder.

Figura 10 - Relógio de Parede



(Fotografia do acervo pessoal da autora)

O relógio acima representado nessa fotografia é outro importante elemento que compunha sala de estar, artigo que era objeto de desejo das donas de casa além de informar a hora era uma peça muito bela que trazia no seu tic-tac as ondas da modernização, do progresso, do civilizado, do chique. “Essas casas mais bem cuidadas, luxuosas, procuravam individualizar-se, expressando assim o êxito econômico, o gosto, as preferências culturais de seu proprietário, transformando-se em um cartão de visitas dos seus moradores.” (ABRANHÃO, 2010, p.98).

A modernização nas formas de viver e morar dos lares umbuzeirenses nos remete ao desejo de afirmação diante da sociedade de sua posição, o sentir-se moderno era representado pelo uso de símbolos que se remetem a conquista material, em seus diversos âmbitos, seja no ambiente público, como no privado, em especial, no espaço doméstico a arquitetura das casas tentam buscar traços e modelos que contenham aspectos da urbe moderna.

Como nos mostra a descrição do inventário do Senhor Severino Alves Camelo, feito em 1929 pelo inventariante Alexandro Alves Camelo, residente em “Balanço” zona rural do município de Umbuzeiro, o laudo da avaliação afirma:

Coistirem uma casa de tijolos, coberta de telhas com três portas de frente, em chão próprio, nesta vila, que avaliamos por...1:800\$000. Mas uma casa de taipa e telhas, com uma porta e uma janela, também vista nesta vila, que avaliamos por...200\$000. (INVENTÁRIO, 1929, p.5).

Acima temos a descrição de duas casas uma de tijolos, com três portas na frente e outra de taipa com uma porta e uma janela na frente, essa descrição nos apresenta dois modelos distintos do morar, uma com mais detalhes e outra mais simples, provavelmente seus moradores são de classe sociais distintas.

A casa com três portas onde morava o Senhor Severino Alves Camello é mais sofisticada, arejada e com uma estética arquitetônica muito utilizada no período, tomemos este modelo como uma residência de classe média onde era detentora de algumas posses, e, conseqüentemente lhe configurava um status social.

A segunda descrição do morar nos revela uma construção típica dos populares, muito comum em Umbuzeiro, geralmente essas casas são destinadas a famílias que trabalhavam para pessoas que lhe davam um trabalho e eram apadrinhadas pelos patrões os quais possuíam um poder político e econômico na região.

As pessoas mais simples que moravam nessas residências não tinham luxo e muito menos recursos financeiros para ornamentarem suas casas, mas, usavam de táticas para tornar

a existência um pouco mais confortável, bela e prazerosa. Os poucos móveis são para as necessidades básicas, cada dia é vivido por vez, na busca pela sobrevivência os cidadãos mais pobres são os que erguem a cidade, alimentam e vestem as pessoas, na tentativa de vencer os obstáculos da pobreza e uma velhice mais sossegada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Umbuzeiro durante as décadas de 1900-1930 é pensada para ser uma cidade grande, desenvolvida e bela. Nesse contexto, podemos perceber como as formas de morar e viver são diversificadas e particulares, perpassam pelos simples detalhes do cotidiano. A urbe é composta pelos elementos do fazer de ricos e pobres que consomem essa urbe produzida todos os dias, território de amores, conflitos e medos compõem alguns das cenas que moldam a vida dos cidadãos. Portanto, entender o privado enquanto o público se transformava é fazer o exercício de penetrar nas casas umbuzeirenses, captando os significados contidos nos hábitos e práticas do morar e viver. Umbuzeiro possuía uma imagem de cidade adiantada, veiculada em muitos meios de comunicação, que não passava de meros ajustes de memória, figurando como peças centrais no jogo de representações que atendiam a determinados interesses políticos.

FONTES

A IMPRENSA, 30 abr. 1938, p. 4.

Brasil. Decreto nº 15.249, de 4 de janeiro de 1922.

Diário de Pernambuco, 10 de jul. de 1946, p. 8

Gazeta do Sertão, 12 de jun. de 1890, p. 3.

INVENTÁRIO, 1929, p.5. caixa, 26. Fórum Epitácio Pessoa – Umbuzeiro/PB.

INVENTÁRIO, 1938, p.3, caixa, 32. Fórum Epitácio Pessoa – Umbuzeiro/PB.

REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, Eliane Moreli. **Morar e viver na cidade Campinas (1850-1900):** mobiliário e utensílios domésticos. São Paulo: Alameda, 2010.

BEIJAMIN, Walter. Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo. Tradução de José Carlos Martins Barbosa e Hemerson Alves Batista. São Paulo: Brasiliense, 1991.

CABRAL FILHO, Severino. **A Cidade Revelada:** Campina Grande em Imagens e Histórias. Campina Grande: Editora da Universidade Federal de Campina Grande, 2010.

GINZBURG, Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário: in: **Mitos, Emblemas e Sinais:** Morfologia e História. São Paulo, Companhia das Letras, 1989.

GOMES, J. Eduardo. **Umbuzeiro 100 anos:** Nossa Terra, Nossa História, Nossa Gente. Campina Grande: Gráfica Offset Marcone, 1995.

GOMES, Jordan Queiroz. **Sensibilidades e representações na construção do espaço urbano aroeirense entre sonhos, desejos e práticas (1920-1960).** Campina Grande: UFCG, 2012. 274f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de pós-graduação em História, Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2012.

MATOS, Maria Izilda Santos de. **Cotidiano e Cultura:** História, cidade e trabalho. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

Ó, Alarcon Agra do; SOUZA, Antônio Clarindo Barbosa de; SOUZA, Fábio Gutemberg Ramos Bezerra de; LIMA, Luciano Mendonça de A Paraíba no Império e na República: estudos de história social e cultural. IN: _____ ARANHA, Gervásio Batista. **Seduções do Moderno na Parahyba do Norte: trem de ferro, luz elétrica e outras conquistas simbólicas (1880-1925).** 2 ed. João Pessoa: Ideia, 2005.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Muito Além do Espaço:** Por Uma História Cultural do Urbano. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n. 16, 1995.

REZENDE, Antônio Paulo. **Desencantos Modernos: histórias da cidade do Recife na década de vinte**. Recife: FUNDARPE, 1997.

SANTANA, Flávio Carreiro. **De passo em passo criando espaços: memória e oralidade sobre as transformações urbanas pombalenses (1930-1950)**. Campina Grande: Editora da Universidade Federal de Campina Grande, 2009. P.23-39.

SILVA, Tatiane Vieira da. **A fabricação de uma cidade monumentalizada: memória, identidade e patrimônio em Umbuzeiro (PB)**. Campina Grande: UFCG, 2015. 256f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de pós-graduação em História, Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2015.

TAVARES, João Lyra. **A Parahyba**. Parahyba: Imprensa Official, 1909. v. 2. p. 739-747.